

# Educação

# Repetência no 1º grau é

educação/Ciência

sexta-feira, 7/6/91 □ 1º caderno □ 13

# superior ao que MEC imagina

**Eliane Bardanachvili**

O retrato da educação básica do país está desfocado. Uma pesquisa em conclusão no Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), no Rio, acaba de flagrar que o Ministério da Educação faz uma interpretação equivocada dos dados que colhe em seu censo escolar anual — no qual todas as escolas do país respondem a um questionário que indaga, entre outros itens, quantos alunos são aprovados, reprovados ou abandonam o curso antes do fim do ano letivo. Os resultados yêm camuflando, há anos, o número real de alunos repetentes da 1ª a 4ª série do 1º grau, muito maior do que o MEC imagina — no caso da 1ª para a 2ª série há uma distorção de 25%. A pesquisa se realiza com verbas do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e deve ser levada ao MEC na próxima semana.

Os pesquisadores do LNCC, Ruben Klein, presidente da Associação Brasileira de Estatística, e Sérgio Costa Ribeiro, coordenador dos levantamentos em educação do laboratório, basearam-se em dados colhidos no censo escolar, realizado no fim de cada ano letivo, e na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, realizada a cada início de ano. Eles não só reafirmaram que o índice de repetentes da 1ª para a 2ª série é de 50% e o de evasão inexpressivos 2%, conforme já haviam concluído em trabalhos anteriores, como conseguiram explicar por que o MEC chega aos seus 25% de repetência e 25% de evasão — resultados que os pesquisadores condenam.

“Pelos dois levantamentos, constatamos que o número de crianças na escola, em cada série, é semelhante no início e no fim do ano, o que significa que a criança passa o ano inteiro na escola e, provavelmente, só abandona os estudos às vésperas de fazer o exame final”, explica Ruben Klein. “Mas essas crianças que abandonam o curso para voltar no ano seguinte são classificadas no censo escolar como alunas novas na série em que estão entrando, já que em seu histórico escolar não consta repetência, mas abandono”.

Essas crianças deveriam ser compu-

tadas como repetentes porque cursaram quase uma série inteira, abandonaram no final e matricularam-se, no ano seguinte, nessa mesma série. “Do contrário, teremos um sub-registro de repetentes no país”, alerta Sérgio Costa Ribeiro. “Conclui-se que a repetência é um problema muito mais importante do que a evasão. Ir para a escola as crianças vão. A escola é que precisa melhorar para levá-las até o fim do 1º grau”, defende.

Para os pesquisadores, as escolas erram ao calcular o índice de repetência apenas entre os alunos que comparecem aos exames finais. “Há aqueles que estão num meio termo: não são reprovados por freqüência porque estavam lá o ano inteiro, nem são reprovados na avaliação final, porque não fizeram”, lembra Ruben. Os índices de repetência encontrados pelos pesquisadores são maiores que os do MEC em todas as séries — 50% contra 25%, na 1ª série; 35% contra 22% na 2ª, 29% contra 18%, na 3ª, e 24% contra 15% na 4ª.

A pesquisa identificou, ainda, como os repetentes em excesso engarroram o trânsito rumo às séries seguintes. Em vez de os 25 milhões de alunos matriculados no 1º grau serem igualmente distribuídos pelas oito séries, 25,6% estão na 1ª série e apenas 5,9% na 8ª.

No caso específico da 1ª série, outra distorção foi flagrada e contribui para dobrar o índice de repetência encontrado pelo MEC. Costa Ribeiro e Ruben Klein constataram que o número de alunos que dizem estar ingressando pela primeira vez na 1ª série representa o dobro da população de sete anos de idade — faixa etária média de ingresso nesta série. São 6,5 milhões de crianças matriculadas, quando a população dessa faixa é de 3 milhões.

“O número de crianças da 1ª série tem que ser igual ao número de crianças nascidas numa geração, mas constatamos que é maior, o que significa que uma mesma criança aparece como aluna nova mais de uma vez”, conclui Ruben. “Isso se explica com a subseriação da 1ª série, muito comum principalmente no Nordeste e no Norte. Os alunos passam da 1ª série B para a 1ª série A. São promovidos mas continuam na 1ª série”, exemplifica Ruben, que está preparando, a pedido do MEC, uma

## Índices de repetência

Séries	LNCC	MEC
1ª	50%	25%
2ª	35%	22%
3ª	29%	18%
4ª	24%	15%

## Distribuição dos alunos

(primeiro grau)

Séries	Ind. Ideal	Ind. bras.
1ª	12,5%	25,6%
2ª	12,5%	17,0%
3ª	12,5%	14,3%
4ª	12,5%	12,1%
5ª	12,5%	10,6%
6ª	12,5%	7,8%
7ª	12,5%	6,7%
8ª	12,5%	5,9%
Total	100,0%	100,0%

nova metodologia de interpretação de dados para que se eliminem todas essas distorções do censo escolar.

Os pesquisadores arriscam uma explicação para que o aluno abandone o curso após ter cursado quase um ano letivo inteiro. “Provavelmente, ao ver que não terá sucesso nos exames, acaba preferindo se ausentar das provas”, diz Costa Ribeiro. Para reforçar a tese, eles encontraram um artigo publicado em 1947 pelo então titular da Secretaria de Estatísticas do MEC, Teixeira de Freitas. De acordo com o texto, o secretário já constatava que o MEC trabalhava com uma taxa de repetência menor do que a realidade mostrava, porque os alunos fracos não se submetiam ao exame final e eram considerados alunos novos no ano seguinte, na mesma série. O artigo informava, ainda, que se partia, no ano seguinte, para um novo modelo de censo escolar — o que não foi feito.